

# DESAFIOS AO ESTUDO DA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA<sup>1</sup>

**João Carlos Petrini**

**Lúcia Vaz de Campos Moreira**

Universidade Católica do Salvador (Brasil)

**Miriã Alves Ramos de Alcântara**

Fundação Visconde de Cairu  
Centro de Pesquisa e Pós Graduação (Brasil)

## **Resumo**

*O presente artigo, de caráter teórico, reflete sobre a mutação antropológica, as mudanças familiares, a questão de gênero e de gerações. Apresenta ainda os principais rumos tomados pelos estudos sobre família em contexto de mudança social e, finalmente, aponta alguns temas relevantes de pesquisas em família, quais sejam, o casal, a definição da vida familiar e as relações familiares. São justificados a necessidade e o desafio de se incrementar estudos sobre a família, que podem direta, ou indiretamente, embasar políticas sociais dirigidas a ela.*

*Palavras-chave: Família em mudança, Modernidade, pesquisa.*

## **Resumen**

*El presente artículo, de carácter teórico, reflexiona sobre la mutación antropológica, las mudanzas familiares, la cuestión de género y de generaciones. Presenta también los principales rumbos tomados por los estudios sobre familia en el contexto de cambio social y, finalmente, apunta algunos temas relevantes de investigaciones en familia, la pareja, la definición de la vida familiar y las relaciones familiares. Son justificados la necesidad y el desafío de realizar más estudios sobre la familia que puedan, directa o indirectamente, dar base a políticas sociales dirigidas a ella.*

*Palabras clave: Familia en mudanza; modernidad; investigación.*

## **Abstract**

*The present article, of theoretical character, thinks about the anthropological mutation, the familiar changes, the question of type and of generations. Presents still the principal courses taken for the studies on family in context of social change and, finally, it points to some relevant subjects of inquiries in family, what they are, the couple, the definition of the familiar life and the familiar relations. Are necessary and justified studies about family in changing, which can straight, or indirectly, to orientate social policies gone to her.*

*Key words: Family in change, Modernity, Inquiry.*

<sup>1</sup>Como citar este artigo: PETRINI, J. C. ; MOREIRA, L. V. C. ; ALCANTARA, M. A. R. . Desafíos al estudio de la familia contemporánea. *Revista Krínein* - Universidad Católica de Santa Fé. Argentina. ISSN 1850-3217, v. 5, p. 161-180, 2008.

## **1. Introdução**

O tema família constitui um desafio às investigações das Ciências Humanas. Ao longo dos tempos, tal questão está entre as que mais têm causado polêmica. As diversas posições sociais e políticas fazem referência a ela, existindo quase sempre uma preocupação em tudo o que lhe diz respeito. Para alguns, a família, como instituição, está relacionada ao inevitável conservadorismo. Outros a consideram um recurso para a pessoa e para a sociedade, por inserir o indivíduo em processos fundamentais da constituição da identidade.

No entanto, fica evidente o papel central da família em processos humanos, como a formação dos vínculos afetivos com os pais (filiação), com irmãos (fraternidade), avós e tios, cônjuges, etc., os quais possuem grande repercussão para o desenvolvimento de uma personalidade madura. Além disso, as mudanças e transições mais importantes do ciclo de vida da pessoa são processos relativos ao contexto familiar, como é o caso do casamento, da maternidade, da paternidade, do envelhecimento, assim como das experiências do nascimento e da morte. Outro aspecto típico é a tarefa educacional exercida pela família, o que torna possível a inserção social do indivíduo.

## **2. Mutação antropológica e mudanças familiares**

As mudanças que se verificaram ao longo da modernidade repercutem não somente em alguns comportamentos humanos, mas fazem emergir uma imagem de homem e de mulher totalmente diferente da que presidiu ao processo de civilização ocidental, que tem na antiguidade clássica grega e romana e na cultura judaico-cristã suas matrizes estruturantes. Trata-se de uma alternativa global de homem e de mulher, do modo de conceber e de viver a sexualidade, a paternidade e a maternidade, a família, a procriação dos filhos e toda a esfera da vida privada<sup>2</sup>.

Em poucas décadas, sob o efeito de diversos fatores convergentes, tais como a difusão da cultura de massa e as possibilidades oferecidas pela manipulação genética, a revolução sexual, as mudanças na organização da produção, com a automação dos

---

<sup>2</sup> Petrini, J. C.: *Pós-modernidade e família: um itinerário de compreensão*, Bauru, EDUSC, 2003, 228 p.

processos produtivos e com a prevalência do capital especulativo, configurou-se um cenário cultural e social no qual floresce uma imagem de homem e de mulher radicalmente diferentes dos anteriores. “*Para além da moda e da sua espuma ou de certas caricaturas que se fazem (...) devemos ter em conta, em toda a sua radicalidade, a mutação<sup>3</sup> antropológica que se realiza diante de nossos olhos*”<sup>4</sup>.

Na etapa inicial da modernidade, o cristianismo era considerado funcional aos interesses do capitalismo emergente, garantindo o respeito e a aceitação das normas que regulamentavam a convivência social, mesmo que alguns pontos da moral fossem contestados. Num segundo momento, a ética pareceu apresentar mais problemas do que soluções para uma sociedade que necessitava de outros valores e de outros direitos, quase sempre divergentes dos consolidados na tradição. Assim, o cristianismo deixou de ser funcional ao processo produtivo moderno.

A família participa dos dinamismos próprios das relações sociais e sofre as influências do contexto político, econômico e cultural na qual está imersa. A perda de validade de valores e modelos da tradição e a incerteza a respeito das novas propostas que se apresentam, desafiam a família a conviver com certa fluidez e abrem um leque de possibilidades que valorizam a criatividade numa dinâmica do tipo tentativa de acerto e erro.

A família contemporânea caracteriza-se por uma grande variedade de formas que documentam a inadequação dos diversos modelos da tradição, para compreender os grupos familiares da atualidade<sup>5</sup>. A estrutura familiar patriarcal, estudada por Freyre<sup>6</sup>, que se afirmou no contexto da cultura rural, entrou em declínio. Os modelos de comportamento que regulamentavam as relações entre os sexos e as relações de parentesco foram abandonados, ainda que em algumas regiões e nas classes sociais menos escolarizadas e menos expostas à influência da cultura atual, possam ser reconhecidos indícios de valores e comportamentos passados que, no entanto, não gozam mais de legitimidade social, sendo reduzida a possibilidade que se reproduzam nas novas gerações.

---

<sup>3</sup> Grifo dos Autores.

<sup>4</sup> Lipovetsky, G.: *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 48.

<sup>5</sup> Saraceno, C.: *Sociologia da família*, Rio de Janeiro, Estampa, 1997.

<sup>6</sup> Freyre, G.: *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, 28.ed., Rio de Janeiro, Record, 1992.

Em seu trabalho sobre o *Poder das identidades*, Castells<sup>7</sup> dedica um longo capítulo à crise do patriarcado, entendido como “*enfraquecimento de um modelo de família baseado no estável exercício da autoridade/domínio do homem adulto, seu chefe, sobre a família inteira*”<sup>8</sup>. Em seguida, ele observa que “*a crise do patriarcado, induzida pela interação entre capitalismo informatizado e movimentos sociais pela identidade feminista e sexual, manifesta-se na crescente variedade de modos nos quais as pessoas escolhem conviver e criar as crianças*”<sup>9</sup>.

O valor da igualdade foi progressivamente assimilado ao cotidiano da convivência familiar, dando origem a formas mais democráticas e igualitárias de partilhar tarefas e responsabilidades entre marido e mulher. São abandonados os modelos tradicionais que atribuíam o primado ao marido, reservando para as mulheres tarefas predominantemente domésticas, mas não emergem novos modelos familiares que tenham uma validade universalmente reconhecida e aceita.

A exigência de satisfação no presente colocou em questão o ideal do sacrifício individual para o bem da família. O limite da disponibilidade individual ao sacrifício para o bem do outro ficou mais baixo, sendo mais rapidamente alcançado o ponto de saturação no relacionamento conjugal. A independência econômica dos cônjuges configura uma responsabilidade familiar mais compartilhada e uma posição social igualitária e, ao mesmo tempo, facilita a ruptura do vínculo familiar, quando a convivência não é mais fonte de satisfação e de prazer.

As mudanças atingem, simultaneamente, os aspectos institucionais da realidade familiar bem como as identidades pessoais e as relações mais íntimas entre os membros da família. Nesse sentido, Castells<sup>10</sup> observa que “*ao nível dos valores sociais, a sexualidade torna-se uma necessidade pessoal que não deve necessariamente ser canalizada e institucionalizada para o interior da família*”. Por outro lado, a possibilidade de gerar filhos sem o concurso da relação sexual “*abre horizontes inteiramente novos à experimentação social*”<sup>11</sup>, dissociando-se, dessa maneira, a reprodução da espécie das funções sociais e pessoais da família.

---

<sup>7</sup> Castells, M.: *Il potere delle identità*, Milano, Università Bocconi Editore, 2003.

<sup>8</sup> *Idem*, p. 151.

<sup>9</sup> *Idem*, p. 241.

<sup>10</sup> *Idem*, p. 261.

<sup>11</sup> *Idem*, p. 262.

Assim, o entrelaçamento de amor, sexualidade e fecundidade que, tradicionalmente, constituiu o núcleo do matrimônio e da família, nestas últimas décadas, foi rompido, podendo-se viver a sexualidade sem a fecundidade, a sexualidade sem o amor, a fecundidade sem a sexualidade<sup>12</sup>. Estes três elementos se distanciaram, cada um percorrendo um itinerário próprio, distinto dos outros, com conseqüências importantes. A dimensão lúdica parece esgotar o significado da sexualidade humana, que não encontra mais limites, podendo-se eliminar dela qualquer responsabilidade ou vínculo que estenda seus efeitos para além do momento em que se realiza como jogo.

De forma análoga, a procriação separada do exercício da sexualidade e do amor aproxima-se da atividade produtiva, segundo a lógica do mercado capitalista, incluindo a avaliação de custos e benefícios. Neste ambiente, é fácil que o amor seja vivido como sentimento efêmero ou paixão, perdendo aquela riqueza de experiência e de humanidade, que a literatura mundial de todos os tempos documenta amplamente. As novas tecnologias de fecundação artificial, clonagem e manipulação genética apresentam novas questões, ainda em debate<sup>13</sup>. Com efeito, já existe a possibilidade de procriar sem o exercício da sexualidade. A fecundidade desligada de uma relação de amor aparece agora como definida pela decisão individual e pelo acesso à tecnologia sofisticada<sup>14</sup>.

Os aspectos “objetivos” da convivência familiar cedem espaços a aspectos “subjetivos”, por definição mais instáveis e flutuantes, decorrentes do dinamismo que as relações familiares assumem no mundo moderno. Verifica-se uma des-institucionalização da família, no sentido de considerá-la como uma realidade privada, relevante apenas para o percurso existencial dos próprios membros. Prevalece a legitimação da família como grupo social expressivo de afetos, emoções e sentimentos, diminuindo o seu significado público. Reduz-se, assim, a importância da família como instituição, assentada na dimensão jurídica dos vínculos familiares.

Aumentam as separações e os divórcios, os jovens casam mais tarde, em comparação a duas décadas atrás, diminui significativamente o número dos casamentos, aumenta a freqüência de famílias reconstituídas, as uniões de fato, as famílias

---

<sup>12</sup> Melina, L.: *Corso di bioetica*. Casale Monferrato, PIEMME, 1996.

<sup>13</sup> Seguin, M.: *A contracepção na Igreja: balanço e perspectivas*, São Paulo, Paulinas, 1997.

<sup>14</sup> Oliveira, M. A.: *Ética e racionalidade moderna*, 2.ed., São Paulo, Loyola, 1993; Rhonheimer, M. *Ética della procreazione*, Roma, Mursia, 2000.

monoparentais e as chefiadas por mulheres<sup>15</sup>. As tarefas educacionais e de socialização são cada vez mais compartilhadas com outras agências, públicas ou privadas<sup>16</sup>. As mudanças são de tal magnitude e influenciaram de tal maneira a família que esta aparenta desaparecer. É dos anos 70 o livro de Cooper<sup>17</sup>, que anunciava “*a morte da família*”.

Muitos fatores externos à família entram em jogo para redefinir os valores e os critérios, os modelos de comportamento de cada membro. Influência significativa é exercida pela escola que os filhos freqüentam, nas diversas etapas de seu desenvolvimento, pelo ambiente de trabalho do homem e da mulher, por outras instâncias formativas, por clubes, associações, comunidades religiosas, cursos que podem introduzir no diálogo familiar elementos de discussão e até de conflito. A família moderna vê-se permanentemente desafiada pela variação, às vezes vertiginosa, dos limites propostos, das aspirações de consumo pretendidas, das experiências perseguidas, devendo reconquistar, a cada dia, as razões para conviver, a consciência do bem que os membros da família têm em comum, dos bens relacionais cujo valor perdura no tempo.

Mudam as relações de casal e as entre pais e filhos<sup>18</sup>. A paridade entre o homem e a mulher, juridicamente consolidada, começa a ter crescente relevância nas relações familiares, ainda que com diversidades apreciáveis em função da escolaridade e da classe social do casal.

### 3. Gêneros e gerações

A família, nas diversas modalidades que assumiu na história, caracteriza-se pelo modo específico de viver a diferença de gênero que, nesse âmbito, implica, via de regra, a sexualidade e a procriação e, portanto, as relações entre as gerações e o parentesco. A família, afirma Donati<sup>19</sup>, “*é aquela relação que nasce especificamente na base do casal homem/mulher para regular suas interações e trocas de modo não casual*”. É diferente o

---

<sup>15</sup> Berquó, E.: *Arranjos Familiares no Brasil: uma visão demográfica*. In: L. M. Schawrcz (Org.), *História da vida privada no Brasil*, v.4, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 411-438.

<sup>16</sup> Goldani, A. M.: As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas, *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, n. 91, p. 7-22, nov., 1994.

<sup>17</sup> Cooper, D.: *A morte da família*, São Paulo, Martins Fontes, 1989.

<sup>18</sup> Féres-Carneiro, T.: (Org.). *Casal e família: entre a tradição e a transformação*, Rio de Janeiro, NAU, 1999; Féres-Carneiro, T.: (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*, Rio de Janeiro, PUC/Loyola, 2003.

<sup>19</sup> Donati, P.: *Manuale di sociologia della famiglia*, Bari, Laterza, 1998, p. 127.

debate a respeito de gênero, quando é referido às relações familiares ou quando é pensado fora da família. Nesta, *“duas diversidades bio-psíquicas se encontram, interagem, compensam-se e entram em conflitos, ajudam-se e disputam entre si, trocam muitas coisas, redefinem-se uma em relação à outra, repartindo tarefas, negociando espaços de liberdade e de recíproca prestação de contas”*<sup>20</sup>.

Atualmente, alguns aspectos e âmbitos da vida social atenuam a diferença entre o masculino e o feminino, como efeito da luta contra as assimetrias prefixadas entre os sexos. Parecem ampliadas as margens de indeterminação, de tal modo que a definição de gênero resulta ter limites culturais imprecisos, sendo passível de interpretações subjetivas, que admitem um amplo espectro de variação. Enquanto antigos símbolos da diferenciação de gênero são desconstruídos, outras diferenciações emergem, espontaneamente, nos jogos de crianças e adolescentes, ou por indução do mercado, segundo seus interesses. É nesse sentido que, Donati<sup>21</sup> afirma que *“não temos um código simbólico adequado para tratar o jogo das diferenças de gênero em condições de elevada complexidade”*.

A igualdade entre os sexos estende-se do cotidiano familiar até o trabalho profissional e ao empenho cultural e político, com uma progressiva tendência a não identificar nenhum trabalho como tipicamente masculino ou exclusivamente feminino. Estas mudanças foram incorporadas ao código civil, que reformulou o direito de família de modo a atender às modernas exigências.

A perspectiva de realização pessoal pôs um fim à definição da mulher como rainha do lar e abriu as portas das empresas ao trabalho feminino. Isto aumentou sensivelmente os rendimentos domésticos e as possibilidades de consumo familiar e, simultaneamente, reduziu a dedicação às tarefas domésticas e à educação dos filhos.

A inserção da mulher no mercado do trabalho oferece espaço de realização, especialmente quando entra em jogo uma específica competência e, portanto, certo protagonismo. Em alguns casos, o exercício de um trabalho remunerado, quando não corresponde a uma premente necessidade de contribuir para as despesas familiares, pode responder à necessidade de realização profissional e abre, para a mulher, uma relativa autonomia de consumo, orientado para necessidades dos filhos ou da casa ou para algum

---

<sup>20</sup> *Idem*, p. 123.

<sup>21</sup> *Idem*, p. 135.

interesse próprio. Ela conquista um espaço de autonomia, livre das diferentes prioridades de gastos do marido, que poderiam implicar em condicionamentos e em conflitos.

Entretanto, a mulher entrou no mundo do trabalho e no âmbito social, aproximando-se de modelos anteriormente masculinos mais de quanto o homem tenha se envolvido com as tarefas domésticas, podendo-se notar uma menor aproximação dele aos papéis tradicionalmente femininos<sup>22</sup>.

O aumento das famílias monoparentais chefiadas por mulheres indica uma crescente matrifocalidade que deixa com a mulher as maiores responsabilidades para sustentar e educar os filhos, devendo administrar a casa e ter, de fato, dupla jornada de trabalho. A esse respeito, Jablonski<sup>23</sup> afirma: *“essa disparidade é vivenciada pelas mulheres de forma bastante dolorosa, uma vez que há uma promessa no ar de igualdade de funções (...). Um respeitável contingente de mulheres urbanas de classe média sente-se traído e iludido por estas promessas não cumpridas”*.

As relações entre pais e filhos ganham respeito e flexibilidade, deixam os modelos centrados na autoridade e na disciplina, enquanto são incorporados os valores de diálogo, negociação, tolerância, no horizonte de um amplo pluralismo ético e religioso<sup>24</sup>. Verifica-se uma intensidade maior de dedicação e de investimento de recursos, especialmente com relação à saúde e à educação. Estes comportamentos estão associados ao número menor de filhos que o casal está disposto a criar, de acordo com um planejamento mais ou menos rigoroso. Com isso, aumenta a expectativa de gratificação emocional e afetiva dos pais em relação aos filhos<sup>25</sup>. Neste caso, observa-se certa diversidade de orientação e de comportamento em função da classe social, da renda familiar e da escolaridade dos cônjuges.

A família sempre foi o lugar do encontro entre diferentes gerações, a história é constituída por uma seqüência delas, ora prevalecendo a cooperação, ora o conflito. Nas

---

<sup>22</sup> Jablonski, B.: *O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres*, In: Feres-Carneiro, T.: (Org.). *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2007, p. 203-228.

<sup>23</sup> Jablonski, B.: *Afinal o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca*, In: T. Feres-Carneiro, T.: (Org) *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*, São Paulo, Loyola, 2003, p. 64.

<sup>24</sup> Kaloustian, S. M.: *Família brasileira: a base de tudo*, São Paulo, Cortez, 1994.

<sup>25</sup> Campanini, G.: *Realtà e problemi della famiglia contemporanea: compendio di sociologia della famiglia*, Milano, San Paolo, 1989, p. 24 e ss.

últimas décadas, as novas gerações divergem das anteriores (a dos pais e a dos avós) quanto às metas perseguidas, aos valores respeitados e aos critérios para discernir o que vale ou o que deve ser descartado. Por estas e por outras razões, as novas gerações experimentam, muitas vezes, uma distância e uma estranheza com relação aos pais e à geração mais velha em geral. Um confronto sistemático a respeito de aspectos relevantes da existência, em geral, é recusado, sendo considerado desgastante e improdutivo, enquanto costuma ser valorizado o ambiente da afetividade familiar, mesmo sem estendê-lo a uma comparação mais detalhada. No cotidiano, prevalecem formas de acomodação prática e o diálogo é substituído por negociações pontuais. Os vínculos de pertença, que ligam os pais aos filhos e vice-versa, tendem, nesse ambiente, a serem mais frouxos. Os pais reclamam que o mundo ao qual os filhos se referem como “superado”, na realidade é por eles ignorado e descartado sem o receio de perder algo de interessante. Nos últimos tempos, a imprensa noticiou atos de grave violência entre pais e filhos, chegando ao parricídio, ao matricídio e ao assassinato do filho por parte do velho pai, deixando entrever quão profunda e grave é a distância que foi construída entre as gerações.

O aumento da esperança de vida faz com que se encontrem, na mesma família, três, quatro ou até mesmo cinco gerações simultaneamente presentes. Por outro lado, os filhos tendem a permanecer na casa dos pais durante muitos anos, até terminarem os estudos e conseguirem uma situação profissional que lhes permita sair de casa e, possivelmente, construir sua própria família. Muitas vezes retornam para a família de origem com um ou dois filhos, quando se divorciam. As relações familiares tornam-se mais delicadas quando, filhos já adultos, mas dependentes economicamente, comportam-se com uma autonomia nem sempre considerada positiva pelos pais<sup>26</sup>.

No lado oposto, os filhos adultos que saem de casa, deixam os pais na necessidade de reorganizarem sua convivência e as relações de amizade, para cobrir o vazio deixado pelos filhos. Além disso, por causa da frequência do divórcio, criam-se complexos entrelaçamentos de parentesco, em virtude das famílias reconstituídas, podendo acontecer que um divórcio venha a cortar a cadeia geracional para os avós, como no caso em que o divorciado não tem a guarda do próprio filho. Para os pais do divorciado, a experiência de ser avós modifica-se significativamente, em alguns casos, aumentando a responsabilidade

---

<sup>26</sup> Donati, P.: *Manuale di sociologia della famiglia*, Bari, Laterza, 1998, p. 187-197.

com relação aos netos e, em outros, reduzindo os contatos. Por fim, está ainda por ser adequadamente avaliado o eclipse da figura paterna em muitas famílias modernas. Nestas últimas décadas foi crescendo a densidade, empiricamente comprovada, do alerta de Mitscherlich<sup>27</sup>, no início dos anos 70, segundo o qual, se caminhava para uma sociedade sem pais.

Apesar das diversas mudanças familiares, uma sondagem de opinião, realizada recentemente por um prestigioso instituto paulista<sup>28</sup>, revelou que 98% das pessoas entrevistadas consideram a família importante ou muito importante. No entanto, dificilmente os observadores do cenário cultural brasileiro, a partir da consideração dos meios de comunicação e das publicações especializadas, poderiam prever que a família gozasse de tanta aceitação junto à opinião pública.

O fato de a unidade familiar brasileira ser objeto de intervenção em saúde no Programa Saúde da Família (PSF), e de ter sido escolhida como parceira para implementar políticas sociais de combate à pobreza e à evasão escolar, indica outra vertente desta valorização da família. Alguém poderia afirmar: nunca a família foi tão valorizada como nestes últimos tempos.

A família é um sistema auto-poiético, ou seja, é capaz de gerar-se e modificar-se incorporando não apenas alterações do ciclo vital de seus membros, que incluem movimentos de entradas e saídas como nascimento dos filhos, casamento dos mesmos e saída da casa paterna, como também é capaz de interagir com as mudanças que o contexto mais amplo lhe imprimem.

A família é sujeito capaz de comportar-se estrategicamente realizando avaliações e escolhas diante de desafios e recursos numa perspectiva temporal, constituindo-se em um sistema de interação interdependente, pois mantém seus membros implicados na capacidade de alterar o comportamento uns dos outros através de seus próprios movimentos.

Apesar disso, observa-se a tendência, dos meios de comunicação e de algumas publicações acadêmicas, a considerar família qualquer convivência debaixo do mesmo teto, sem outras especificações além da existência de algum tipo de afetividade que ligue aquelas

---

<sup>27</sup> Mitscherlich, A.: *Verso una società senza padre*, Milano, Feltrinelli, 1970.

<sup>28</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. *Família brasileira: retrato falado*, Pesquisa nacional do Datafolha, 7 de outubro de 2007.

peessoas entre si. Afinal de contas, o critério domiciliar que identifica a família com o conjunto de pessoas que compartilham uma unidade habitacional, utilizado pelo IBGE, também é encontrado nos programas governamentais que envolvem a família, bem como em diversos estudos de caráter científico. A uma razão metodológica, exigida pelo tipo de estudo realizado, como no caso de levantamentos demográficos e estatísticos, acrescentam-se, muitas vezes, posturas que carecem de critérios capazes de identificar as características essenciais da realidade familiar, dificultando uma operação típica do trabalho científico que é distinguir, classificar, para poder ordenar e analisar adequadamente.

Nesse sentido, alguém poderia ponderar: nunca a família foi considerada de maneira tão fluida, com contornos tão indefinidos, sendo diluída a sua identidade a ponto de poder desaparecer como grupo social (instituição com características próprias bem delineadas).

Esta situação paradoxal segundo a qual ora a família é tudo, ora é nada, documenta quão profundo é o processo de mudança que envolve a sociedade brasileira em todas as suas dimensões e revela a pluralidade de posturas, a diversidade de valores e metas que se encontram em nossa cultura. Por isso, os observadores oscilam entre a percepção da família como uma realidade residual, destinada a desaparecer<sup>29</sup> e a percepção de que a família é a base de tudo<sup>30</sup>.

A família encontra-se, especialmente nestas últimas décadas, em constante mudança, por participar dos dinamismos próprios das relações sociais. Integrada no processo social, ela passa por transformações significativas. Em meio a turbulências culturais e sociais, a família empenha-se em reorganizar aspectos da sua realidade que o ambiente sócio-cultural vai alterando. Reagindo aos condicionamentos externos e, ao mesmo tempo, adaptando-se a eles, a família encontra novas formas de estruturação que, de alguma maneira, a reconstituem<sup>31</sup>.

#### **4. Estudos sobre família em contexto de mudança social**

---

<sup>29</sup> Cooper, D.: *A morte da família*, São Paulo, Martins Fontes, 1989.

<sup>30</sup> Kaloustian, S. M.: *Família brasileira: a base de tudo*, São Paulo, Cortez, 1994.

<sup>31</sup> Donati, P.; Scabini, E.: (Orgs.). *Nuovo lessico familiare*, Milano, Vita e Pensiero, 1995; Donati, P.: *La società é relazione*, In: Id. (Org). *Lezioni di sociologia. Le categorie fondamentali per la comprensione della società*, Padova, Cedam, pp. 1-54. *Primo Rapporto CISF sulla Famiglia in Italia: L'emergere della famiglia auto-poietica*. Milano, ed. San Paolo, 1998.

A partir dos anos 50, a esfera pública brasileira foi dominada por uma mentalidade que enxergava somente indivíduos: o trabalhador, o desempregado, a criança, a mulher, o negro, o adolescente, o idoso, como se eles existissem fora de uma concreta rede de relações familiares. Estas eram consideradas irrelevantes aos fins da organização social e à defesa dos direitos da cidadania. Em muitos casos, a família era considerada não somente irrelevante, mas perniciososa, como o adversário político que deveria ser derrotado para que modos de agir mais afinados com o processo de modernização pudessem encontrar terreno favorável à sua expansão.

A família tradicional, compreendida através dos esquemas do modelo patriarcal, representava exatamente o que devia ser superado e deixado para trás. Nesse ambiente cultural, a família era considerada como o lugar da reprodução de uma mentalidade conservadora, contrária à revolução, à militância política e às inovações culturais.

No cenário moderno, apareceu um indivíduo instável, de convicções voláteis e compromissos fluidos. A cultura do efêmero<sup>32</sup> faz perceber os vínculos familiares mais como amarras que limitam a livre expressão da própria personalidade do que como recursos essenciais para a própria realização humana e, por isso, destinados a durar no tempo<sup>33</sup>.

Se no início da modernidade, o passado tinha sido desvalorizado, rejeitado como concentração de erros que finalmente seriam superados no futuro próximo, nesta etapa que alguns chamam de pós-modernidade, dissolveram-se as esperanças de libertação depositadas no futuro. Sem história da qual orgulhar-se e sem futuro capaz de mobilizar as energias em vista de um projeto pessoal e social, sobram, especialmente para as novas gerações, satisfações efêmeras e emoções momentâneas.

Entretanto, a partir dos anos 80, inicialmente na Europa e nos Estados Unidos e, em seguida, em todo o mundo, começaram a se multiplicar estudos sobre a família. Na maior parte dos casos, eles re-descobriram a sua importância, sendo considerada funcional ao bem-estar das pessoas e ao bom êxito da socialização e da educação das novas gerações. Muitos estudos estavam centrados na análise das funções da família, reconhecida como relevante para o desenvolvimento das pessoas nas diversas etapas e circunstâncias de suas

---

<sup>32</sup> Lipovetsky, G.: *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989; Lipovetsky, G.: *Os tempos hipermodernos*, São Paulo, Barcarolla, 2004.

<sup>33</sup> Petrini, J. C.: Relação nupcial, relação ocasional, In: PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, *Lexicon*, Brasília, Edições CNBB, 2007, pg. 825-835.

existências. Mas, quase sempre, tais estudos perderam de vista aspectos significativos da realidade familiar pela falta de instrumentos de análise adequados para apreender o que, por ventura, estava fora dos seus esquemas. Com efeito, a família tem um caráter supra-funcional, adverte Donati<sup>34</sup>, ela não existe para satisfazer uma ou algumas funções sociais, mas um leque potencialmente indefinido, enquanto a família é uma *relação social plena*, ou seja, um fenômeno social total que implica todas as dimensões da existência humana.

Com o crescimento da sociedade funcionalmente organizada, muitas funções anteriormente reservadas à família passaram a ser desempenhadas por outras agências, públicas ou privadas. Era inevitável que, por causa desse processo, a família aparecesse como depauperada, quase evanescente. Com efeito, a tarefa educativa, a socialização das crianças, os cuidados com a saúde e com o desenvolvimento físico e psíquico, são cada vez mais realizadas pelo Estado ou por agências privadas por causa da menor disponibilidade de tempo dos pais, devido à dedicação, tanto do homem como da mulher, ao trabalho fora de casa. Além disso, essas agências oferecem serviços sempre mais especializados, de modo que, diante de uma abordagem profissional dos problemas e das tarefas domésticos, a família recua. Até a sua função mais própria, como a de procriar, pode ser, atualmente, desempenhada por laboratórios de fecundação assistida, sem a necessidade de relação sexual entre o homem e a mulher. E é anunciado como próximo o momento em que será possível realizar a procriação por meio da clonagem, sem o concurso do elemento masculino para fecundar o elemento feminino. Nesse horizonte, o pesquisador acaba por não mais encontrar o seu objeto de estudo, a família, que vai dissolvendo-se diante dos seus olhos. No entanto, ela existe e sempre mais emerge como a realidade fundamental para o delineamento da identidade humana e social, tanto é verdade que o símbolo da família é dos mais fortes, estáveis e relevantes no tempo da vida social, desde o início da história humana até hoje, afirma Donati<sup>35</sup>.

Diversas abordagens tiveram grande difusão e influência no mundo acadêmico. Algumas se tornaram obsoletas e foram sendo abandonadas, outras evidenciam aspectos importantes mas, quase sempre, parciais da realidade. Este é o parecer de Donati<sup>36</sup>, que

---

<sup>34</sup> Donati, P.: *Família no século XXI: abordagem relacional*, São Paulo, Paulinas, 2008.

<sup>35</sup> *Idem*.

<sup>36</sup> Donati, P.: *La società é relazione*, In: Id. (Org). *Lezioni di sociologia. Le categorie fondamentali per la comprensione della società*, Padova, Cedam, pp. 1-54. *Primo Rapporto CISF sulla Famiglia in Italia, L'emergere della famiglia auto-poietica*, Milano, ed. San Paolo, 1998.

apresenta criticamente pelo menos dez diferentes abordagens sociológicas da família, antes de anunciar a virada relacional. Não sendo pertinente, no presente artigo, analisar cada autor ou corrente de pensamento, é apresentado o exemplo de Luhmann<sup>37</sup> que Donati considera importante para evitar “coisificar” a família, para apreendê-la como relação social. Mas os estudos de Luhmann mostram outras dificuldades. Afirma Donati<sup>38</sup> que não se pode chegar ao ponto de dissolver o próprio objeto de pesquisa (a família) entendendo-a como pura comunicação ou pura convenção social, resolvendo-a numa realidade abstrata e totalmente contingente.

No Brasil, nos últimos anos, aumentou o número de pesquisadores e de grupos de pesquisa que investigam a família. Destes estudos emerge a complexidade do tema, devido à pluralidade de aspectos que nele convergem. As diversas disciplinas, assim como elas se constituíram na tradição acadêmica partilhada pela comunidade científica, apresentam limites e não conseguem dar conta da totalidade dos fatores que entram em jogo, tendo-se como consequência uma leitura reduzida da família. Por causa disso, estão aumentando grupos de pesquisa interdisciplinares, em busca de uma visão mais abrangente, pelo diálogo entre dois ou mais enfoques disciplinares. Esses estudos tentam superar as limitações e começam a dar alguns resultados interessantes, restando, todavia um longo caminho a percorrer.

Nesse contexto, o ambiente acadêmico brasileiro está fazendo um grande esforço para superar as dificuldades e oferecer estudos que ajudem a compreender a família e as mudanças que nela se verificam. Grande parte dos estudiosos em família realiza pesquisas interessantes que estão contribuindo, de maneira substantiva, para a compreensão dessa realidade, com reflexos positivos em algumas políticas públicas, estas sim, ainda excessivamente tímidas. Outros estudos tratam de aspectos limitados, de acordo com as possibilidades metodológicas das abordagens adotadas, ou problemas periféricos ao objeto em tela. Afirma-se, às vezes, uma atitude pragmática, voltada a realizar pesquisas empíricas, tendo como objeto fenômenos específicos de nível local ou regional, numa espécie de renúncia tácita a enfrentar os desafios para buscar uma teoria da família que supere a fragmentação atual. Em alguns casos, parece que um horizonte unitário deva ser

---

<sup>37</sup> Luhmann, N.: *Sozialsystem Familie. System Familie*, 1, (2), 1988, pp. 75-91.

<sup>38</sup> Donati, P.: *Família no século XXI: abordagem relacional*, São Paulo, Paulinas, 2008.

encontrado na contraposição, mais aberta ou velada, com um modelo de família considerado ideal ou normativo, posto em discussão e rejeitado.

## 5. Temas relevantes de pesquisas em família

### 5.1 O casal como assunto de pesquisa

De acordo com Gottman<sup>39</sup>, o estudo científico do casamento e da família é um campo promissor uma vez que se observam conseqüências importantes para os esposos do convívio em lares desarmoniosos, assim como do divórcio. O autor aponta o crescente aumento das taxas de divórcio nos Estados Unidos, com estimativas do término do primeiro casamento em torno de 50% a 70%. Afirma que permanecem elevadas as taxas de falhas do segundo casamento, por volta de 10% a mais do que a do primeiro. Estes índices se assemelham aos encontrados pelo grupo de pesquisa liderado por Féres-Carneiro<sup>40</sup> no Brasil. Suas pesquisas revelam que o recasamento é uma prática pouco estudada que traz grandes desafios aos convívios dos cônjuges em vista da maior tensão causada pela incorporação de novos membros vindos de relações afetivas prévias, bem como pelas novas expectativas em torno dos papéis de marido e mulher, bem mais flexíveis do que as do primeiro casamento.

Gottman<sup>41</sup> revela que entre as conseqüências que a separação e divórcio trazem para a saúde mental e física de ambos os esposos está inclusive, o aumento de risco de psicopatologias, das taxas de acidentes automobilísticos fatais, da incidência de doenças físicas, suicídio, violências, homicídio, baixa imunológica significativa, mortalidade devido a doenças. Para o autor, o desgaste conjugal, o conflito e a disrupção estão também associados com ampla variedade de efeitos deletérios sobre os filhos, incluindo depressão, habilidade social pobre, problemas de saúde, baixo desempenho acadêmico e uma

---

<sup>39</sup> Gottman, J. M.: Psychology and the study of marital processes. *Annual Review of Psychology*, Vol. 49, 1998, pp. 167-197.

<sup>40</sup> Féres-Carneiro, T.: (Org.). *Casal e família: entre a tradição e a transformação*, Rio de Janeiro, NAU, 1999; Féres-Carneiro, T.: (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*, Rio de Janeiro, PUC/Loyola, 2003.

<sup>41</sup> Gottman, J. M.: Psychology and the study of marital processes. *Annual Review of Psychology*, Vol. 49, 1998, pp. 167-197.

variedade de dificuldades relacionadas à conduta, além de, na vida adulta, poderem apresentar estresse muito maior que aqueles que não presenciaram a separação dos pais quando criança.

## 5.2 Definir a vida familiar

A família redefine seus limites, distinguindo-se das outras relações. O crescimento de novos estilos de vida e de novos arranjos familiares atesta que a sociedade contemporânea passa por um processo sócio-cultural de re-diferenciação e de re-definição da família com relação a outras relações primárias. A família não é somente uma das possíveis alternativas na ampla variedade das formas familiares e das relações de intimidade, mas é uma relação com características específicas, que comporta um vínculo entre os sexos e entre as gerações.

Stephanie Coontz<sup>42</sup>, professora de história da família na *Evergreen State College* de Olympia, Washington e diretora do *Research and Public Education Council on Contemporary Families*<sup>43</sup>, sublinha a importância do contexto histórico cultural nos estudos de família. Os historiadores podem oferecer inúmeros exemplos de como cada fenômeno pode tornar-se algo muito diferente a depender do que lhe é posto ao lado, que o circunda ou lhe é contraposto.

A atenção dos historiadores se dirige para a tensão entre as restrições institucionais e históricas sob as quais os indivíduos agem e o conjunto de recursos pessoais, culturais e sociais que eles utilizam para decidir como adaptar-se ou resistir àquelas restrições, juntamente com o conjunto das interações que, a partir das escolhas, produzem resultados imprevistos.

A professora Irène Thèry<sup>44</sup> é socióloga e diretora junto a *Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales* (EHESS) e membro de *l'Haut Conseil à la Population et à la Famille*,

---

<sup>42</sup> Coontz, S.: *Prorospettive storiche negli studi sulla famiglia*. In: Bertocchi, F. (Org.) *Sociologia e politiche sociali – La famiglia: decostruzioni e ridistinzioni*, Franco Angeli, v. 9, 1, 2006, pp. 9-36.

<sup>43</sup> Historical Perspectives on Family Studies. In: “*Journal of Marriage and the Family*”, vol. 62, n. 2, 2000, pp. 283-297.

<sup>44</sup> Thèry, I.: *L’approccio sociológico della “vita familiare”: la questione delle definizioni*. In: Bertocchi, F. (Org.) *Sociologia e politiche sociali – La famiglia: decostruzioni e ridistinzioni*, Franco Angeli, v. 9, 1, 2006, pp. 37-67.

dedicando-se à difícil tarefa das definições. Ela levanta a questão: é possível uma única definição de família ou são desejáveis mais definições para compreender a pluralidade de situações? Para a autora, definir a vida familiar significa precisar o significado que atribuímos ao que chamamos de vida familiar. Em que consiste uma definição? É uma operação intelectual, um ato social, ou o exercício de um poder?, pergunta-se a autora. Qual é a relação que intercorre entre o ato de definir e o de disciplinar? A discussão sobre definição se expõe a mal-entendidos. O primeiro deles se refere ao objeto da definição. Definir a vida familiar significa precisar o significado que atribuímos à expressão “*vida familiar*” e, não designar uma realidade em si, como se o significado e o significante fossem a mesma e idêntica coisa.

Irène Théry<sup>45</sup> distingue três tipos de definição: a) a corrente, isto é, os usos na prática social; b) de definição convencional, isto é, a definição estabelecida na linguagem especializada, que opera como norma de referência, como na linguagem jurídica; e c) definição hipotética. Neste caso se trata de uma proposta de classificação, inserida no âmbito de uma abordagem específica para o conhecimento.

Há uma tendência a misturar as três tipologias de definição, passando de uma a outra, gerando-se confusão. Quando as definições correntes não são mais justificadas por uma correspondência empírica, à evidência sucede a incerteza. A busca de definições adequadas pode se revestir dos caracteres de uma controvérsia de valores. Por isso, a definição sociológica de vida familiar é necessária, mas apresenta dificuldades.

### *5.3 Teoria Relacional da Sociedade segundo Pierpaolo Donati: algumas contribuições ao estudo da família*

A perspectiva relacional é um modo de conhecer e um modo de intervir sobre a família, que abre uma nova perspectiva de estudo, pois constitui uma abordagem teórica, uma nova maneira de conhecer a família, ou melhor, reconhecê-la nas suas características, nos seus fatores constitutivos. Mas, ao mesmo tempo, tem utilidade operativa para planejar e realizar intervenções na realidade familiar, quer no plano das políticas sociais, nacionais e

---

<sup>45</sup> Idem.

supranacionais, quer no nível micro, através do atendimento a famílias portadoras de necessidades.

A abordagem relacional analisa e interpreta os aspectos invisíveis, mas extremamente reais que ligam as pessoas para cooperar ou para entrar em conflito em sua convivência social. Recusa o individualismo metodológico, bem como o holismo metodológico, considerando que estes tipos de Sociologia apresentam uma visão distorcida e redutiva da relação social. Afirmam Donati e Colozzi<sup>46</sup>: *“o argumento central é que não podemos explicar a relação social nem na base da ação dos indivíduos, nem na base dos condicionamentos das estruturas: a relação coloca-se noutra ordem de realidade com relação à dos indivíduos que agem (agency) e à das operações (os mecanismos) dos sistemas sociais. Nem se trata de conceber a relação como uma ponte entre o indivíduo e o sistema, ou como um mix de elementos individuais e sistêmicos, como a grande parte das sociologias a entendem. Trata-se, pelo contrário, de compreender que a relação social é o efeito emergente das interações entre ação e sistema social, que são realidades dotadas de propriedades e poderes próprios”*.

A teoria relacional da sociedade e a abordagem relacional da família explicitam, sistematizam e aprofundam aspectos já presentes em obras de autores latino-americanos atentos à realidade da família, desde a preocupação com a superação do assistencialismo estatal, até a valorização das relações familiares como fonte de bens e de rede de solidariedade, desde a percepção da família como recurso para a pessoa e para a sociedade, até a relevância da família para a constituição de ambientes de solidariedade nos contextos sociais. A lista das afinidades poderia ser muito mais extensa e atesta a pertinência da obra de Donati com a problemática enfrentada na América Latina.

## **6. Considerações finais**

Apesar de os limites que podem ser encontrados nas diversas abordagens desenvolvidas nas últimas décadas, aumentou o número de pesquisadores que convergem no entendimento da família como relação de plena reciprocidade entre os gêneros e entre as

---

<sup>46</sup> Donati, P.; Colozzi, I.: (Orgs.) *Il paradigma relazionale nelle scienze sociali: le prospettive sociologiche*, Bologna, Il Mulino, 2006, p. 19.

gerações, ainda que com variações nas diversas formulações. Quando a família não vive relações de reciprocidade plena e favorece o individualismo em lugar de fortalecer a solidariedade social, quando não é valorizada a cooperação entre os sexos e entre as gerações, a coletividade deve fazer-se cargo de tarefas que, em outras circunstâncias, as famílias assumiriam para si, aumentando consideravelmente a despesa pública. Além disso, o conflito e a violência na convivência social podem crescer nesse ambiente.

Diante disso, o presente artigo reflete sobre a mutação antropológica, as mudanças familiares, a questão de gênero e de gerações, apresenta ainda os principais rumos tomados pelos estudos sobre família em contexto de mudança social e, finalmente, aponta alguns temas relevantes de pesquisas em família, quais sejam, o casal, a definição da vida familiar e as relações familiares. Estas e outras questões justificam a necessidade e o desafio de se incrementar estudos sobre a família, que podem direta, ou indiretamente, embasar políticas sociais dirigidas a ela.